

SOB O SOL DAS CABRAS¹

Sara Panamby²; Filipe Espindola³

Resumo:

Pensando uma estreita relação entre escrita e corpo, o presente texto traz alguns recortes da performance “Sob o Sol das Cabras” (Filipe Espindola e Sara Panamby), apresentada no IV Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas, no auditório do Instituto de Artes da UNICAMP, como proposição provocadora para a mesa Sensação, Recepção em Artes do Corpo. Bem como o trabalho ao vivo, este texto busca ser um registro de impressões, uma mapa de rastros, de retalhos, sem compromisso com uma narrativa lógica ou linear. Uma imagem desfocada do passado. Um delírio sobre outro delírio encarnado.

Palavras-chave: Corpo; Texto; Tatuagem; Pele; Performance.

Abstract:

Thinking a close relationship between writing and body this text brings some cutouts of the performance "Under the Sun of Goats" (Filipe Espindola and Sara Panamby) presented at the IV Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas, at the auditorium of the Arts Institute – UNICAMP, as provocative proposition for the table Feeling, Reception in Body Art. As well as the live work this text seeks to be a print log, a map traces, a patchwork, without commitment to a logical or linear narrative. A blurred image of the past. A delirium about another incarnate delirium.

Keywords: Body; Text; Tattoo; Skin, Performance.

O ranger da roda de um carro de bois metálicos faz vibrar as matérias. Crianças grulham com os perus no solo semiárido. “Mas diga a ela que agora eu sei que eu morro/ Já mataram meu cachorro e balearam a moreninha/ Mas diga a ela que se a *revorta revortá*/ Eu vorto e *torno a vortá* e me caso com Mariquinha”. O seu Zé cantava pra mim. Para ensinar o que esquecia.

¹ Nota do Editor: por se tratar de um documento artístico, a formatação e a revisão gramatical são de responsabilidade dos autores. As citações e as notações de referência foram adequadas às normas da revista.

² Texto e performance.

³ Performance.

Cigarra *cataverão*.

Bombas, tiros, multidão a ganir. Portas de hospital que assoviam quando passam as macas e as enfermeiras com seus carrinhos de remédios. Ares condicionados.

O zumbido da máquina se confunde com o som da eletricidade correndo pelos fios, acendendo os refletores, na projeção das imagens, no sistema sonoro. *Palavrazo* vibração sonora. Agulha inscreve na carne a memória, as narrativas, as penas, o açoite. Fragmentos pescados no ar de quem vive de garimpar éteres. Os poros dilatam, as veias e artérias expandem, cabeça pescoço tronco membros tudo em latência prestes a desintegrar.

Sensação e recepção: pelar-se, estar com o sangue e os órgãos expostos sobre a mesa como quem é servido a um jantar em uma aula de anatomia prática, para se deixar dissecar com os dispositivos mediadores, para se deixar devorar pelos olhos que procuram, para evocar o terror de quem teme as maldições que proferimos e gravamos na pele das coisas.

São feitiços, encantamentos, pragas, narrativas, pirataria, incêndios, rios, bacias de coisas catadas no fluxo descontínuo.

O Filipe um dia chegou em casa com este livro que encontrou no lixo:

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de *viludos*, almofadas de *sitim*. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 1960, p. 35).

Pelo despejo, pelo incêndio, pela fome, pela morte sempre a espreitar, evoco as presenças das pessoas e coisas desimportantes, das vidas frágeis, dos corpos precários e por tudo isso resistentes. “Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (JESUS, 1960, p. 37).

Quem me ensinaram a escrever foi minha avó analfabeta, Carolina de Jesus, Antonin Artaud, alguns Michéis franceses, sequestros de Deleuze e Guatarri. Quem transcreve o delírio, transcreveu assim:

JUNHO DE DOR PREGAS POROS BALEIA CARNE PELE DE
SOL PLACENTA VENENOSAS SUOR CIMENTO CORDA E NÓ
PRECIADO URUBU ROSAS BOCA LEITE CAOS MENINO
ALEGORIA AR ESCURO
Sombra de formigas leite de cabra corpo morto que dança veias
verdes absurdo nu sexta-feira *palavrador* queda salto casa útero
cu de fogo janela só mãe preta

Durante 1h20 transformamos o auditório do Instituto de Artes numa máquina da Colônia Penal kafkiana. Enquanto lia um livro manuscrito construído por mim ao longo de 1 ano e trechos do diário de Carolina de Jesus (“Quarto de Despejo”, 1960), Filipe transcrevia fragmentos do que a voz deixava ecoar no ar em minhas costas com uma máquina de tatuar sem tinta. Um texto/imagem revelado pelo sangue que brota da pele. Ao mesmo tempo uma colagem sonora com depoimentos de familiares, ruídos da rua, o canto de uma cigarra, sinos em delay, cantos indígenas, sons guturais, uma coleção de memórias auditivas. Ao fundo do palco os manuscritos eram projetados e no teto da lateral esquerda da plateia uma projeção da ação ao vivo. Desde os antepassados inscrever na carne as histórias bastardas, que foram silenciadas pelo punho de aço das estruturas que sustentam os sistemas colonialistas que nos regem. A seguir, alguns dos textos lidos durante a ação.

Transcrições e ecocardiogramas fragmentados

Trechos de um livro manuscrito para ler em voz alta

[...] o destino o desígnio em queda para o alto da superfície aqui é resto de enunciação o voo do esquecimento *eus* sóis desaparecidos somos fantasmas dos *destempos des-esperados* as imagens os hímen imagens rompidos pelo coito ancestral com as coisas que gozam *eus-corpo* somos parentes das coisas que gozam agora *eus* enlouquecemos pela prudência delinquente de escrever na concavidade do cavo superfície encontro meu cadáver feto não parido minha vagina pulsa dentro a superfície conhecer é um mergulho na superfície *no son blanqueados los filtros* nadar de costas o hara para o espaço um chicote de espaço quando o estalo precede o som o corpo escapa das palavras fatigadas de saber entre aviões helicópteros e viaturas os cantos ancestrais entre partos e bombas o corpo é um projeto o corpo é um projétil e o próprio fuzil *eussois* zarabatana e flecha envenenada

e quando encontro o cadáver farejo e me como o urubu autofágico em busca de sua própria carniça caramujo de esgoto ter a sua ratazana de estimação no Campo de Santana Jesus humilha Satanás eu gosto sim de cantar mas é um efeito narcótico para os que tem cardiopatias os gatos entram no guarda-roupa tem goteiras no teto da minha casa quando chove os gatos não param de correr pela casa há chuva lá fora entre aqui dentre dias de sol molhado são dias de aquietar no útero escuro de casa e de caminhar na rua pelo centro até chegar no porto disparam fogo amigo *no es um abraço amoroso no es um abraço amoroso* as memórias estão empedradas nas pichações apagadas nas tampas de madeira substituindo os vidros quebrados no Largo do Paço um espaço em desconstrução são lançados os éteres os álcoois a bandeira preta para um *antiestadonação* agora não é mais livro é expulsão de abandono a expansão do clitóris revestido de manto de aço encoberto por grossa pelagem preta é densa a fenda

fissura o parto partido ao meio e novamente dobra e parte é um origami de carne e flor e santa é caverna casa as mãos dos surdos falam estou me dobrando meus demônios são de carne e sangram a língua são malabaristas de abismo e isso é pra morrer num orgasmo que acabei de ter tão automático quanto uma pistola o gozo ejacula para dentro entro no entre *mins* e um cheiro doce quase sangue a vagina exala na escadaria os bêbados cantam evocando seus pares seus ímpares agora é autópsia de *antimatéria* os sonhos com aqueles portais vulvas de Francisco os vórtices que brotam da cara e da garganta há que se ter estômago para embrulhar e garganta para dar nó são enxames que vem povoar o corpo e as palavras são como ovos crus onde a rígida casca dá a ver na sua morte a liquidez *gozosa* do pinto não nascido da baba amorfa de clara e gema na boca que

fala como se fosse possível mosquito a abelhudice de significar aqui são informações de desinteligência são informes ações *parvais* diante da desobediência inaudita inaudível dos gemidos sem cor que saem das vísceras famintas *eus* não sóis um bicho que morre fácil porque quando se masturbam gostam de ficar dentro do útero num compêndio de vaginas dilatantes dilaceram os falos e as falas *eus* devoramos picas sangramos o pau adulto e defloramos os esfíncteres a pulso a punho dedos e látex não não para nunca o pensamento não posso parar porque somos muitas e quando há silêncio há vácuo um gemido breve vindo de fora as pás dos ventiladores que espalham vento e poeira no calor as ideias se repetem então quebremos o instante já mergulho no corpo mergulho no copo de aguardente alguma coisa acende a superfície que deforma na menstruação da ave o alimento o prenúncio do voo o esporrar que escorre grudento do aborto *pré-parido* parecido com calcário de grão de falésia tem sabor de matéria de casca de um Saturno que retorna *neus*

urubu não pia avoa para escrever às vezes é necessário retroceder ao voo primal é preciso reduzir a escrita aos silêncios reticentes às zonas de fantasmagoria em algoritmos que são ritmos dos movimentos planetários pular voar sobre os precipícios é tempo de amar com ódio no coração consagrar o urubu como o rei da carcaça que anda que é todo o vivo só pode saber que começa e acaba em corpo por isso sangra e sagra e baba e no coito manga se descobre mangue porque agora tudo conecta em rede euhistóriaesquizooutrozootecnoxamampajelançabatmacumbaebópirotécnico por dentro de toda ilha há um pedaço de lá e cá também há fomes de sonhos e fones nos ouvidos a pele entra pelos olhos estamos prestes a aprender a desensinar no final são apenas jogos de ovular exercícios *parvais* em menstruação de galinha o que escorre é quase sangue quase feto quase gozo

quando pedir socorro acene com a mão esquerda quando não aguentar mais a queda inverta o precipício os suicidas são Ícaros travestidos em depressão quando não couber mais o jeito é vazar então quis sentir o cheiro dos membros da matilha de olhos vendados nua guardando um silêncio na boca escrever em ovos é apenas uma maneira de resguardar reticências e *instantaneizar* um já que agora mesmo já foi são presentes de comer e quebrar textos de ovular de ovalar de louvar no *cheirotoque* correspondido pele do dedo no mamilo joia clitóris

aperta a boca quebra a casca de onde escorre o segredo do silêncio antes escondido agora exposto em jorro de uma menarca de quase pássaro a palavra dá a transbordar o grito retorcido na letra desenho garrancho feito para *desler* [...]

a pressão hostil de falar cochichando dentro de casa a política do sussurro e da comunicação cifrada partir de onde a palavra (des)costura eles contavam com um fim do mundo mais tranquilo nos dissolvemos nas pequenas mortes estamos no caminho de aprender a morrer os gatos pretos que comem ovos ao amanhecer deixar de ser coisa que flutua sou coisa que caminha pela sombra ao *meiodia* a sombra das formigas engole a terra é pela medula óssea que corre a eletricidade tatuaram na cidade do muro ontem fui crime amanhã serei poesia os olhos *des meninas* ficaram vazados marés marés os olhos *des meninas* tornaram a girar tem coração pedacinho de órgão para *desmexer* sou um tipo de bruxa vai lá falar falar até perder o falo até escapar o fato quando calar escrever até que se esgotem as palavras até corroer a pauta quando não mais viver até morrer *sem sentido* no cansaço de todos os dias minha barba cresce os dedos são pregados ao tempo nas *cabelas* do desejo as éticas se retorcem no som gutural de gargantas acesas elas se rasgam a cara e os pelos são eletrizados o corpo é linha férrea por onde passam as cargas radioativas na contenção do que é recalcado pelo carro desgovernado vamos sair dali de onde os espaços são ocos há cavernas pelos poros expostos mergulho na superfície das coisas há cicatrizes no fundo do mar o que desliza e o que faz tecer de terra alimenta e escorre entre as pernas marte chamando saturno é nos ossos que guardo o ranger do tempo revolver

[...] minha avó me ensinou a nadar no mar agora eu me lembrei da água e das flores de maio e quando a palavra já não quer mais traduzir o que desenhar com ela agora a palavra já não é mais sentido é sentir é viagem vertigem às vezes tem coisas que passam correndo em volta de mim os olhos acompanham o invisível tem alguém aqui e alguém aí numa existência esquizofrênia há uma topografia aqui agora há uma geografiz da palavra acidentada gosto mesmo é de barulho na cabeça isto não sóis um diário de bordo isto não é um caderno etnográfico esto é minha ausência enquanto girava na pista meu corpo investia potência nos encontros escorregadios de fluidos suor maquiagem borrada vulvas virilhas voltam em voltas o útero agitado as luzes vultificam nasce outro dia em gozo de fim de festa no maquinário bélico di gozo como revolução meu corpo é meu protesto e meu jorro é gás

lacrimogêneo tem saudade na cama vazia no meio da noite as navalhas desprendem aforismos da carne quando o motor da geladeira se cala sinto o gelo estalar no maxilar os franceses a me dar pistas de onde perder o senso aqui faço filosofia barata e insignificante a insignificante que perde de vista a gramática a ortografia e a sintaxe eis aqui um novo léxico de bucetários imaginais são cargas invaginadas de embriaguez diluviante é uma dessas coisas que a gente pega e cola e não sabe o que fez quem passa não está adiante mas atrás do rastro depois seguido pelo rastro antes dele o passo ela a pegada degenerai-vos pelas camadas de opacidade irregulares escrever como uma (dis)função biológica

fisiológica escrever como quem diseca com pontas esferográficas grafite e tinta vareia né o estado de verbos intransitivos são intravenosos pode ser um tipo de veneno aquilo o que faz viver há uma dose letal em cada célula do corpo vivo

é colérico este parto não enjaule meu sangue em tampões higiênicos não encapsule minhas células do endométrio me capture quando eu voltar a ser Cristina gostaria de calçar meu pé 33 em sua boca degustarias quando mergulho perco o medo do abismo não ejacule em minha cara o coito imperial da máquina de moer gente há máquinas por aí humanas que decepam cadáveres nas cadeias do Maranhão seus nomes são gerais com esse sangue todo cheirando azedo em meu rosto não é possível gozar então luto

[...] salto de susto tomo de assalto a caneta sequestro um pedaço de sonho para a matéria gráfica de real todas as bocas estão abertas se derretem no preto azulado ;e de novo outra noite para que se escondam na fronha os presságios preâmbulos póstumos para se enfeitar uma roupa sem corpo nossos avós são um decalque do passado desfocado navalhas recheiam bichos de pelúcia devoram e dão porções de acidentes às moscas que pousam tem vezes que o saco vazio é sem fundo são perigos para servir após a meia noite o asfalto descasca o corpo matéria vermelha exposta de nome Cláudia era também outras que não tinham nome subi até aqui para cair é que sofro de labirintos espasmódicos o eterno retorno depende da dobra o vômito sobe seco até a garganta são assassinatos diários há uma chacina em

andamento no país há sangue negro sendo batido sob o asfalto quente pisado o morto ainda morno é chutado e alvejado para matar a alma há um genocídio acontecendo pelas rua mas muitos só querem suas *internetês* banda larga seu direito ao consumidor de cada dia a passagem do metrô vai ficar mais cara o peito vai ficar mais vazio corpos estilhaçados é o que se vê por aí há uma náusea aguda que divide o peito ar rarefeito o moedor de carne humana exhibe a taça do mundo a copa do mundo é nossa vem alvejando de balas verdes e amarelas as casas os bares os meninos as meninas mulheres *trans* garis as putas os porteiros xs que gritam xs que calam

instala-se celularmente a cultura do pânico da chacina já podemos falar em genocídio são os suicidados da sociedade o corpo chove o corpo em choque estados de atenção há alvos sobre os rostos há tocaias e estamos na mira há que se temer o medo para não paralisar-se diante do novo holocausto há diariamente algo cáustico que corrói as potencias de reação amanhã vai ser maior o rancor ruminado há mais de 500 anos a geração de um monstro de corpo expandido espera pela explosão até quando me perguntam aquelas vozes miudinhas e trêmulas são as estatísticas que engordam e nós em frente à tevê vendo as notícias e engolindo batatas fritas há que se ter estômago há que se ter estômago os textos estão afogados em vísceras o medo é camuflado e carrega um fuzil em punho eu sou um bicho que conversa com a morte de tempos em tempos

[...] transcrever a história de Qualquer sacudir os sinos remexer os símbolos revolver as raízes dos baobás genealógicos na última morada do corpo a jazida chafurdar na terra e demolir os encantos os escombros para velar para revelar os *desparidos* beijar as lápides quentes pelo sol toque de boca sobre

pedra palavra aguada depositar flores para contrastar no verde relva há quinhentos tons de vermelho entre as cerejeiras e a Palestina faixa de Gaza na M'Boi Mirim cobra pequena põe a cabeça para fora da toca os meninos brincam no sofá vermelho emborcado no meio da rua *le menine* veste as saias e o salto alto para se sentir livre minha avó alisa meus cabelos enquanto dormimos fala comigo através do vento meu tio nos observa das escadas é seu aniversário de 57 anos há uma solidão em cada banco a sete palmos descansa a terra o corpo putrefato dança ela seca os cabelos com o velho secador azul claro os relógios para em ouro e

prata para diluviar as garoas sobre as carpas para parir mis *abuelos* caboclo bravo e resistência sem padrão sem patrão partir voo ao túmulo de *minhes* avós revolvo choro e terra é pelos grandes que se faz os rituais de dissolver as peles recôncavo emerjo imerjo mergulho na terra cavo os corpos cavo os ossos chego à medula decomposta no corpo morto de meus antepassados faço minha cova meu útero parto para parir Nanã pari *minhes* avós para revolver as células o corpo morno esvazia as carpas nadam e os urubus sempre ali a arrodar as nossas cabeças eles esperam pacientemente pelas nossas carcaças enterro-me na matéria morna de meus antepassados o calor deles é o próprio sol e eu sou a madrugada que vacila agora fundo-me à minha sombra e aos espectros residuais do passados galopante como febre de quarentena são viagens geracionais em *corposespaçosobjetos* eles me esperam na sala há um espaço de vazio em cada fragmento poço por poço salto e abismo em jorro úmido túmulo útero é nas gargantas secas a quem

recorre à lágrima para ler a história do sangue em voz alta atear fogo aos cabelos no mais breves esquecimentos incendiados na lembrança de novo dança urubu gavião mariposa libélula borboleta beija-flor vitória-régia nos bobs de cabelo nas tramas urdidadas pelos domingos luzes expandidas ao meio-dia lenço vermelho na cabeça dama da noite virar os copos para revirar os corpos um jardineiro para regar as covas das azaleias vinte para as doze meio-dia e um onze e meia tempo congelado festeja comigo os últimos dias de nossa inglória vem comer e beber dos nossos cadáveres é que queria uma carcaça mais festiva por influências dos cactos das cactáceas mexicanas em algum momento aqui estive sob o efeito de álcoois para pensar com mais confusão lançar *descalmarias* sob as turvas daí rasgávamos as noites com estiletos enferrujados e colávamos o sol de todos os dias com a saliva seca de fumaça o gosto destilado na boca de dia anterior a língua branca e áspera roçando contra o céu da boca os pés pretos de caminhar é sobre o que não vejo que lanço meu olhar dois de fevereiro rodopiar no mar de alfazema

e flores receber como oferenda sol e movimento sol em movimento as luas de tempos em tempos sangram sobre águas e cidades sóbrias águas e cidades embebedar águas e cidades para o como a catarse da overdose final tomar a primeira dose para morrer pela segunda vez a força de ser lançada contra o solo entro na terra em minhas veias verdes o corpo todo quer escapar já o corpo pulsa envelheço na velocidade das marés de lançamento bolhas cortes veios já não tenho mais a visão humana logo sou e sigo outras animais as árvores abrem sua

cara suas escamas que falam comigo procuro e não encontro sequer um grão de realidade condicionada o plexo solar expande me torno urubu velho preciso morrer o vômito morno brota da boca e banha a terra amarelo e transparente pari um ovo pela boca para iniciar outra forma de vida na morte não há controle deixar que o ego se vá me torno a baba de vômito e terra vomito por *todxs* nós para expurgar nossa existência doente para renascer em outras formas não há saídas tudo brilha e vibra o chão se abre numa rede são mil tons de amarelos verdes vermelhos pretos marrons raposa coioote cachorro lama urubu abrir portais em escala microscópica e mudo

explode em cores e rastros de movimento correr como os cavalos e escapar como os jabutis eles pedem socorro com os olhos *milolhos* não tenho pele nem roupas caminho em círculos reconhecendo meu lugar seguro sou um cachorro do mato marco território com feitiços elas passam por mim como o canto dos pássaros deitar sob a copa das árvores e com elas conversar há *milalmas* nas matas e com elas me (des)encanto eu sóis um bicho feio que rola na terra e rosna a cada passo nas trilhas a terra jorra sangue na trilha do sol reger a natureza ordenar a natureza é absurdo é obsoleto nossos terreiros estão por aí lavo de choro e muco para curar as cicatrizes liquefazer em Nanã passar pelo sonho acordado pela morte em vida como fosse quase nada acordar os sonhos para a materialidade sensível dissolver as matérias na lama e sê-la para selar um pacto com as divindades com as monstruosidades do outro lado de se vomitar o ego água densa para bons despachos Jaguaripe terra de onça vi as canoas e os seres a navegar em rios e matas

plurissônico para ressoar nas tumbas me enterro em ti erro terra me lambe os ossos são *mirações* de *destempar* uma realidade microscópica para farejar por coisas esquecidas coisas invisíveis para ver as sombras dos insetos por dentro das veias ser flexível e cortante como o *tiriri* grama certa ser grama rasteira e árvore amazônica ser estrela peixe raiz *botosereia* os caranguejos brilham e dançam com suas pinças a rodar no ar *milecem* portas se abrem na água pele a musculatura se desprende dos ossos a carne apodrece para tornar-se matéria do mangue quando acendemos as luzes todas as coisas queimaram incendiaram jabuti quer fugir a lua nasce bola vermelha no rio banha a sangue solda a pulso seca linfa de ferida funde olhos olvidas narinas poros dilatados o paladar recolhe as ninfas maremotos em *dexistência* rios de cara amarrada deitar no asfalto quente para sentir a eletricidade das latas presentes para cuspir o ódio morrer de tanta vida as piores dádivas para maldizer os ricos imundos vem dançar comigo de rabo no chão vem desejar a glória

de teus inimigos é sexta 13 de carnaval porque deus quis assim ele desejou orgias e solenidades ébrias para *todxs* nós para bendizer o fruto fétido fruta fraude furta para bater as carteiras daqueles gringos com cara de idiota vendo o bloco passar é um bloco de concreto e cinzas as vertebras quebradas do veado justapostas me coroam eu sou *Sendha* a deusa do crack não és bem vinda A PUTA A BÊBADA PIRANHA PERIGUETE DOS INFERNO A MULHER MULAMBO PÚTRIDA EU SOU O ABUTRE QUE TE GORGOGUEIA era uma vez um urubu que morreu afogado no mangue e os caranguejos que lhe apedrejaram

comeram a sua carne eu posso ser o cão se você quiser mas prefiro que me chame de urubu a minha boca banguela tem cheiro de carniça minha boca cheia de caninos tem gosto de precipício é o princípio da despesa inútil os sinos da igreja soam anunciando o inferno me enterre na menarca monarcas dançam estamos na colônia *Kaf Ka* observa da janela de fora inscreve minhas penas na pele de meu couro o futuro é um relance difuso o passado uma confusão de realces sob as camadas mais bandidas da carne estão banidas as coisas endeusadas a terra

é dos mortos não se acuse como uma vítima para encerrar as palavras em sua própria carne a carne que é própria das palavras volúvel decompor palavra peito sente o sangue quente lava lava a boca cheia de larvas para dizer o que para bater as asas e sacudir a lama me preparo para beber e fumar com o Seu Zé fusão de poros papel pele você poderá ver minhas veias neste impresso de *desenxergar* o foco para desfalecer sob as palafitas e boiar até o voo a queda sempre vertigem me enterre no quintal de casa preparam meu corpo a quatro mãos e já não há tempos verbais suficientes para abraçar as passagens de um lado a *mileumlados* pedra de sal para drenar as águas cristais de chuva para agonizar a vida um terremoto em cada multidão você *elxs* e eu de mãos dadas dançando na beira do apocalipse com as cabeças incendiadas você me deixou com facas nas mãos em cada palma as fendas de onde brotam líquidos salobros é de inquietude e transitoriedade um inseto que voa de asas mancadas no ocaso é onde começa a viagem miragem contraponto para ruminar com as cabras hoje é dia 22 de fevereiro de 2015

Bibliografia

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Max Limonad, 1984.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon e a Lógica da Sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

_____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **O Animal Que Logo Sou (A seguir)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Graciano Barbachan. Digitalização Coletivo Sabotagem. 2004.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Edibolso, 1976 (1960).